Autoria Científica e Novas Tecnologias: um Estudo Sobre a Iniciativa de Edição Digital Promovida Pelo Projeto *MediaCommons Press*[1]

Pollyanna de Mattos Moura VECCHIO[2]

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Neste artigo, parte-se dos conceitos de autoria defendidos por Barthes (2004), Foucault (2006) e Bakhtin (2003) para discutir a autoria de textos científicos diante das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC). Estudou-se o caso do projeto *MediaCommons Press*, um espaço *online* que permite a publicação de textos científicos inéditos para uma revisão por pares aberta. Analisou-se o processo de revisão do primeiro artigo postado na plataforma, em 2007. Os resultados mostram que a revisão por pares aberta pode ser profícua e que o ambiente digital materializa o diálogo inerente ao processo de comunicação. No entanto, para que a iniciativa se mantenha, é preciso fomentar um engajamento dos pares às redes e às práticas virtuais de trabalho, além de promover uma transformação gradativa na forma como a academia concebe (e valoriza) a autoria científica.

PALAVRAS-CHAVE: autoria científica; novas tecnologias; revisão por pares; MediaCommons Press.

INTRODUÇÃO

O cenário atual da comunicação científica tem preocupado vários pesquisadores. Carência de verba para publicações (sobretudo impressas), avaliações por pares tendenciosas, marginalização das Ciências Humanas, questões envolvendo acessibilidade e uma concorrência desleal diante de publicações de países desenvolvidos são alguns dos desafios enfrentados pela comunidade científica em um país como o Brasil, por exemplo. A despeito desses entraves, cresce a pressão para que os pesquisadores mantenham uma produtividade bibliográfica quase desumana e permanece a tendência para uma maior valorização da publicação impressa e da autoria individual, sobretudo na área das Ciências Humanas e Sociais. Segundo Fitzpatrick (2011), diante desses desafios, é preciso repensar a forma como a academia faz comunicação científica hoje, considerando principalmente a

[1] Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2]Mestranda em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Contato: pollyannamattosvecchio@gmail.com

tendência mundial para o uso cada vez mais constante do ambiente *online* e das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC).

Dentre as iniciativas contemporâneas de se fazer comunicação científica de forma inovadora, considerando não só as novas tecnologias, mas também a emergência de maior acessibilidade aos textos científicos[3], este artigo focará o caso do *MediaCommons Press*, um *blog* que proporciona um processo aberto de revisão de textos científicos.

Como suporte teórico, discutiremos noções de autoria propostas por Roland Barthes (2004), Michel Foucault (2006) e Mikhail Bakhtin (2003). Pretende-se contrapor a visão tradicional de autoria (ou seja, do autor isolado e de uma maior valorização da produção impressa, especialmente o livro, em detrimento de textos publicados somente no ambiente digital) com novas concepções de autoria científica baseadas na interatividade, na cooperação e no diálogo entre os pares, tudo isso proporcionado (ou potencializado) pelo ambiente digital.

O artigo se divide em quatro seções: a primeira faz um apanhado de ideias sobre autoria propostas pelos teóricos citados anteriormente. A segunda discute a questão da autoria na comunicação científica e os processos tradicionais de fluxo editorial de uma publicação, com ênfase para as formas predominantes de revisão por pares. A terceira seção apresenta o caso em estudo, o projeto *MediaCommons Press*, incluindo considerações sobre sua história, as entidades que o propuseram e que o mantêm e acerca da plataforma que o abriga. A quarta seção analisa o caso específico do primeiro artigo postado no *MediaCommuns Press* para revisão por pares aberta. Analisa-se a quantidade e o conteúdo dos comentários postados no processo de revisão, assim como o perfil profissional e acadêmico dos comentaristas.

Espera-se que este artigo possa não só divulgar um projeto tão vanguardista como o *MediaCommons Press* e lhe servir como resenha crítica, mas também incentivar outras comunidades acadêmicas a repensarem a maneira como se faz comunicação científica e a usufruírem do ambiente digital para fomentar práticas somente possíveis na era da *internet*.

[3] Destacam-se, por exemplo: 1) o *Journal of Visualized Experiments* (JoVE), um periódico científico eletrônico na área da Medicina, Biologia, Química e Física que se baseia no formato tradicional de periódicos indexados e revisados por pares, mas cujos artigos são apresentados em formato de vídeos com a filmagem profissional dos procedimentos experimentais e protocolos, acompanhados de descrições textuais; 2) o *Open Access* (OA), movimento mundial que defende o acesso livre e gratuito à literatura científica, respeitando direitos autorais e definindo autorizações de uso no ambiente digital; e 3) o *Open Journal Systems* (OJS), um software gratuito desenvolvido pela Universidade British Columbia para a construção e gestão de publicações periódicas eletrônicas. No Brasil, o OJS foi traduzido e customizado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e recebe o nome de Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER).

1 Discussões sobre autoria

Em "A morte do autor" (2004), Barthes sustenta a ideia de que a escrita é independente do sujeito que escreve. Segundo o teórico, a valorização do autor surge somente na sociedade moderna com o empirismo inglês, o racionalismo francês e o advento da fé pessoal defendida pela Reforma Protestante. Segundo Barthes, foi só então que a sociedade passou a valorizar a pessoa humana do indivíduo e, nesse sentido, na literatura, o positivismo resultante da ideologia capitalista concedeu maior importância ao autor. Barthes critica a imagem de inspiração individual ao afirmar que:

> um texto não é feito de uma linha de palavras, libertando um sentido único, de certo modo teológico (que seria a "mensagem" do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original: o texto é um tecido de citações (BARTHES, 2004, p.4).

Foucault também discutiu o conceito de autor e autoria. Em seu texto "O que é um autor?", originalmente transcrito a partir de uma palestra proferida em 1969, ele nos adverte que a atribuição de autoria nem sempre existiu. Segundo o teórico, o conceito "surgiu" em um momento particular da história e pode se transformar em algum momento futuro.

Foucault propõe a ideia da *função autor*, a qual não se constrói pela simples atribuição de um texto ao nome próprio de um indivíduo, mas se constitui como uma "característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade" (FOUCAULT, 2006, p.274). Foucault afirma que o que faz de um indivíduo um autor é o fato de, através de seu nome, delimitar-se o discurso que ele representa, o qual pode estar presente nos seus próprios textos ou em textos posteriores, como é o caso de Marx e Freud, ou mesmo do próprio Foucault, se examinarmos bem.

Ele também esclarece que, historicamente, a noção de autoria em ciência e em literatura se desenvolveu de forma diferente. Explica que, metaforicamente, é como se formassem um quiasmo: na Idade Média, valorizava-se a autoria nas ciências, mas não na literatura; já nos XVI ou XVII, o discurso científico prescindia de autor, enquanto que ao literário era exigida a atribuição de autoria. Ao falar da atualidade, Foucault argumenta que, na ciência, "a indicação do autor e da data do trabalho desempenha uma papel bastante diferente: não é simplesmente uma maneira de indicar a origem, mas de conferir um certo índice de credibilidade" (FOUCAULT, 2006, p.279).

O filósofo russo Mikhail Bakhtin também discutiu a ideia de autoria, principalmente ao propor que todo enunciado é um elo em uma cadeia de enunciados e que há diálogo e resposta em todo tipo de comunicação verbal. O autor propõe que um enunciado pode ser tão pequeno quando um diálogo cotidiano e tão extenso e complexo quanto um romance. Argumenta que:

> Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são autossuficientes, conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (BAKHTIN, 2006, p.316).

Essa ideia de diálogo permanente e de que um enunciado funcione como uma resposta a outro nos leva a crer que a autoria original, pura, é impossível de ser alcançada uma vez que o autor é simplesmente o sujeito que instaura seu texto como mais um elo em uma longa, e às vezes infinita, cadeia de comunicação verbal.

2 Fluxo editorial tradicional na comunicação científica e novas noções de autoria e revisão por pares

O fluxo editorial regular de uma publicação científica (seja um periódico, uma obra de autoria individual ou um livro com artigos ou capítulos escritos por autores diferentes) pressupõe os seguintes passos: primeiro o autor submete o texto à comissão editorial; em seguida, a avaliação cega (*blind review*) é feita por um ou mais revisores (pares) escolhidos pelo editor; depois vem o parecer do revisor recomendando o aceite, a rejeição do texto ou indicações de revisão por parte do autor. Por fim, o texto é publicado (ou não).

Para Fitzpatrick (2011), o grande problema do fluxo tradicional de edição científica é que o sistema de revisão por pares atual costuma funcionar como um canal exclusivo de comunicação entre o editor e o revisor e, muitas vezes, o revisor sabe quem submeteu o trabalho. Para a autora, falhas como essas impedem que o autor goze dos benefícios que uma revisão por pares deveria oferecer, ou seja, o diálogo científico, além de muitas vezes impedir (em vez de auxiliar) a circulação de ideias. A autora afirma que, de modo geral, a publicação acadêmica é bastante específica e direcionada a um nicho relativamente pequeno de leitores afins. Por isso, as tecnologias proporcionadas pela *internet* lhe parecem

particularmente adequadas para possibilitar a comunicação entre esses leitores e para estabelecer padrões de avaliação baseados em redes eletrônicas de trabalho. Diante dessa realidade, Fitzpatrick propõe utilizar ferramentas da *web* (como os *blogs*) para realizar uma revisão por pares aberta. Segundo a autora:

> A revisão baseada em blogs não só traz mais vozes (que podem identificar mais problemas potenciais), e não apenas fornece alguns "comentários de comentários" (com revisores pesando sobre questões levantadas por outros revisores), mas é também, fundamentalmente, uma conversa (FITZPATRICK, 2011, p.34, tradução nossa).

A autora alerta, no entanto, que uma mudança tão radical no processo de publicação científica exige alterações também na estrutura de autoria. Fitzpatrick afirma que o ambiente digital permite que a escrita seja uma questão mais de processo do que de produto. A autora adverte os colegas:

> Precisamos pensar menos em produtos acabados e mais em textos em desenvolvimento; menos em autoria individual e mais em colaboração; menos na originalidade e mais no remix; menos na posse e mais na partilha (FITZPATRICK, 2011, p.83, tradução nossa).

Segundo Fitzpatrick (2011), na comunidade científica, há uma perigosa tendência de pesquisadores que se iludem com a ideia de que seus trabalhos sejam fruto exclusivo de sua própria genialidade e experiência e não de um trabalho colaborativo. Em sua obra *Planned Obsolescence* [Obsolescência Programada], de 2011, a autora promove tanto uma provocação para se pensar de forma mais ampla sobre o futuro da academia quanto um argumento a favor de uma prática editorial mais orientada por atitudes colaborativas e em rede. A grande bandeira levantada pela autora é a de que a própria academia deve rever seus conceitos sobre comunicação científica e deixar para trás algumas práticas obsoletas.

As ideias defendidas por Fitzpatrick não são carentes de embasamento teórico. Se compararmos suas propostas com a ideia de "morte do autor" defendida por Barthes e do "dialogismo" defendido por Bakhtin, nos damos conta de que, do ponto de vista da comunicação científica, é importante que os pesquisadores tenham consciência de que a autoria individual (original, adâmica) é ilusória. Para conceber um trabalho, o pesquisador dialoga com outros pesquisadores, anteriores e posteriores a si, mesmo que eles não apareçam expressamente em seu texto ou não se refiram a ele em trabalhos futuros. Se ainda comparássemos as propostas de Fitzpatrick com as ideias de Foucault, veríamos que o verdadeiro autor, na comunicação científica, não seria aquele que imprime seu nome no

artigo ou livro que publica, sendo que seu texto poderia ser meramente um misto de citações, alusões e apropriações de ideias alheias. O verdadeiro autor científico seria aquele cujo pensamento refletir-se-ia não só nos seus próprios textos, mas em textos alheios, pois o que estaria sendo engendrado não seria um conjunto de textos, mas uma linha de pensamento, um discurso.

Diante dessas concepções, pretendemos analisar a proposta inovadora do projeto *MediaCommons Press* como um reflexo de teorias já consolidadas sobre autoria. O *MediaCommons Press* é uma espaço digital para publicação de textos científicos desenvolvido em formato de *blog* (na plataforma CommentPress, do WordPress) que disponibiliza textos científicos inéditos ou já publicados e permite uma revisão por pares aberta, concebendo a autoria científica como um processo inerentemente colaborativo e dialógico. A seção seguinte descreverá o projeto.

3 O projeto *MediaCommons Press*: origens e funcionamento

3.1 A plataforma CommentPress

O CommentPress, plataforma onde se encontra o projeto *MediaCommons Press*, é um *software* gratuito que surgiu como resultado de uma demanda do *Institute for the Future of the Book*[4] para os gerenciadores da plataforma de *blogs* WordPress[5]. Criado em 2007 e tendo passado por diversas modificações até chegar ao formato atual, o CommentPress é um *plugin*[6] do WordPress cujo *template* facilita a publicação *online* de documentos longos (como livros inteiros) e permite que os usuários/leitores comentem e discutam o texto em escala gradual, variando desde o nível do parágrafo até a extensão do documento completo.

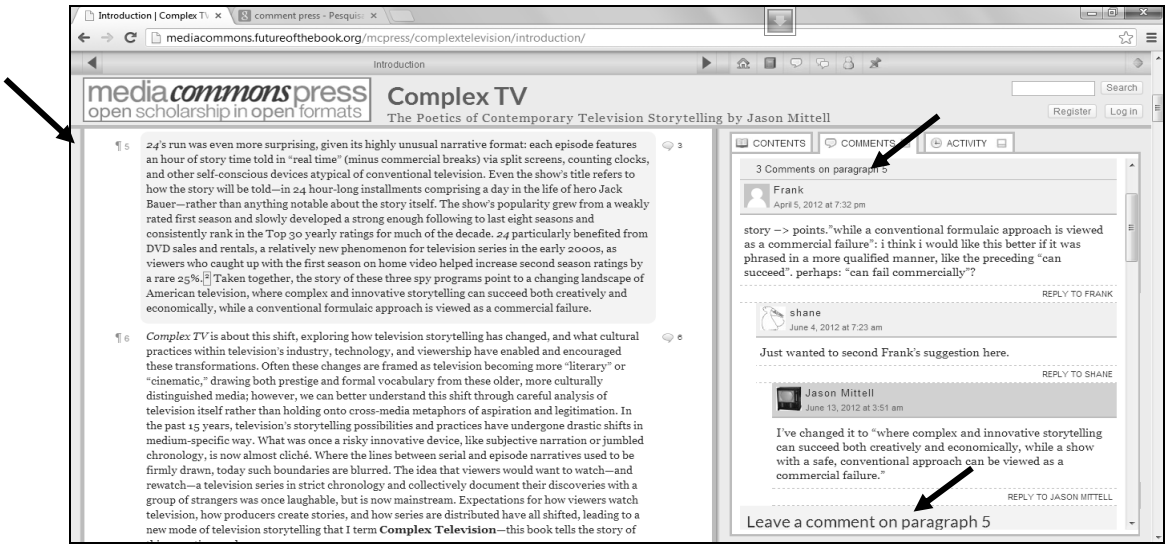
Os *blogs* tradicionais apresentam cada postagem como um texto corrido único em formato HTML. A leitura nesse tipo de ambiente exige que o leitor use constantemente a barra de rolagem, disponibiliza o espaço para comentários somente ao final do texto e impede que o leitor publique comentários linkados a trechos específicos do texto de forma

[4] O *Institute for the Future of the Book* é um projeto do Centro Annenberg de Comunicação da Universidade do Sul da Califórnia e tem sede em Nova York. Trata-se, segundo a definição encontrada no próprio *website* da entidade, de um pequeno grupo "pense-e-faça" que considera que a página impressa está dando lugar à tela em rede e procura narrar essa mudança e canalizá-la em uma direção positiva. Disponível em: <http://www.futureofthebook.org/mission.html>. Acesso em: 16 mar. 2013.
[5] Disponível em: <www.wordpress.com>. Acesso em: 16 mar. 2013.
[6] Um *plugin* ou *plug-in* é uma extensão que adiciona novos recursos a um programa maior. Os *plugins* mais famosos são os para *browsers*, como o *flash*, mas existem *plugins* para jogos e vários outros tipos de programas. Ele promove alguma funcionalidade especial ou muito específica. Geralmente é pequeno e leve, usado somente sob demanda. Disponível em: <www.lifehost.com.br/portal/faq/dicas_e_termos.htm>. Acesso em: 10 mar. 2013

semelhante à ferramenta "Inserir Comentário", do editor de textos Microsoft Word, por exemplo.

De forma inovadora e atendendo à demanda específica de uma ferramenta para revisão por pares *online*, o CommentPress estrutura a obra completa em seções cujos títulos ficam dispostos em hiperlinks em um menu de conteúdos sempre visível na parte superior da tela. O leitor, então, lê o texto por seções, semelhantemente à maneira como se lê um *e--book* em um aplicativo para leitura compatível com a tecnologia dos *smatphones* e *tablets*, por exemplo. Diante da tela, o leitor pode clicar no título de uma seção, ler o texto e adicionar comentários laterais conectados a um parágrafo específico ou ao texto como um todo, conforme podemos verificar pelas indicações das setas na Figura 1, a seguir.

Figura 1 – *Template* da plataforma CommentPress para revisão por pares aberta



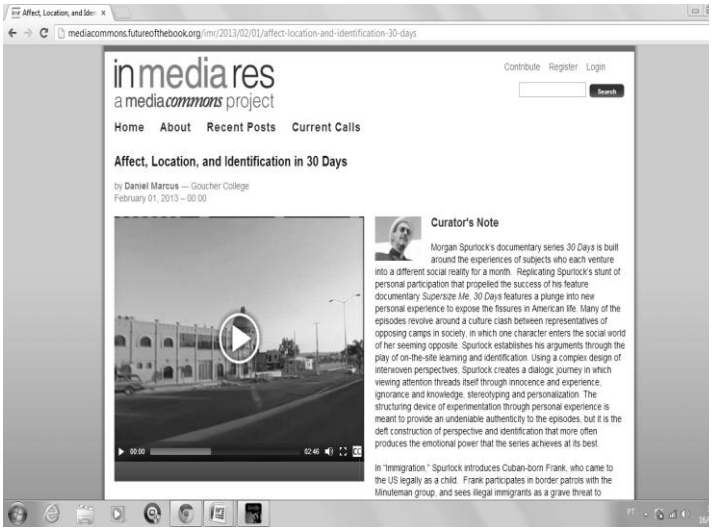
3.2 A rede eletrônica *MediaCommons*

Fundada com o apoio do *Institute for the Future of the Book* e do Fundo Nacional para as Humanidades, o *MediaCommons* é uma rede eletrônica que agrega docentes, pesquisadores, estudantes e profissionais da mídia e promove a exploração de novas formas de publicação científica via *web*. Seus fundadores são Avi Santo, professor assistente do Departamento de Comunicação, Teatro e Dança da Old Dominion University, na Virgínia/EUA, e Kathleen Fitzpatrick, professora associada em Estudos da Mídia no Pamona College, na Califórnia/EUA, e atual diretora de Comunicação Científica da *Modern Language Association* (MLA).

Embora a rede seja moderada pelos editores, os projetos são conduzidos pelos membros da comunidade. Os usuários são livres para postar comentários, desenvolver perfis sofisticados de usuários, incluindo um portfólio com *links* para seu trabalho acadêmico, e para discutir com seus pares os projetos publicados. Os membros também podem propor novos projetos para o conselho editorial. Além do *MediaCommons Press*, atualmente há outros projetos ativos na rede. Um deles é o *In Media Res*, um fórum em ambiente multimodal e colaborativo no qual, a cada semana, um membro propõe e administra uma discussão em torno de um vídeo curto ou um *slideshow* de imagens sobre um objeto midiático recente acompanhado por um texto de 300-350 palavras analisando o material. A Figura 2, a seguir, mostra a página inicial do *MediaCommons* e a Figura 3 traz a página de discussão de um episódio do *reality show* "30 Days", postado dentro do projeto *In Media Res.*

Figura 2 – Página inicial da rede MediaCommons

Figura 3 – Discussão sobre o *reality show* "30 Days"



3.3 O projeto *MediaCommons Press*

Conforme já foi dito em tópicos anteriores, o *MediaCommons Press* é um *blog* que promove a revisão por pares aberta (no período pré ou pós-publicação) de diversos gêneros textuais dentro do discurso científico.

Não se trata de uma escrita colaborativa aos moldes do que se faz em ambiente *wiki* ou em editores de texto em nuvem como o Google Docs. Todos os textos postados no *MediaCommons Press* apresentam um autor ou um grupo específico de autores, que é a

pessoa ou grupo que propõe o texto, escreve-o por completo e depois o submete à revisão aberta. Nenhum usuário consegue alterar o texto postado. O que o leitor/usuário faz é postar comentários laterais durante a sua leitura para que o autor possa lê-los, analisá-los, replicá-los na própria plataforma e, se achar pertinente, levar em consideração as sugestões propostas pelo leitor na apresentação da versão final do texto (no caso de ser uma revisão pré-publicação), em seus trabalhos futuros ou mesmo para o enriquecimento da discussão. À luz das ideias de Bakhtin discutidas anteriormente, percebe-se que, na verdade, o processo de revisão aberta proporcionado pelo projeto materializa e torna mais rápido e dinâmico o dialogismo inerente a todo processo de comunicação verbal. O leitor de um livro impresso também dialoga com o autor; concorda com ele, refuta suas ideias, pensa em um exemplo que poderia explicar melhor um conceito etc. A diferença é que, no *MediaCommons Press*, leitor e autor podem dialogar de maneira ágil e interativa.

Iniciado em 2007, o projeto conta hoje com 15 obras já submetidas à revisão aberta. São textos que variam desde artigos científicos individuais até livros completos. O Quadro 1, a seguir, nos mostra, cronologicamente, o fluxo de textos postados no *MediaCommons Press* desde sua criação até os dias de hoje. Alguns projetos ainda estão em andamento e outros já foram publicados por editoras universitárias tradicionais, como é o caso de *Planned Obsolescence* (2011), obra que serviu, inclusive, como referencial teórico para este artigo.

As informações utilizadas para a construção do Quadro 1 foram retiradas do próprio *blog*, o qual mantém um histórico com os comentários postados em cada seção de cada obra. É possível visualizar os comentários por comentarista, em cada obra, ou um resumo da quantidade total de comentários de cada seção. Somente um dos projetos, denominado *The Transmedia Adventures of Sherlock*, não foi considerado neste estudo. Embora apareça como um dos projetos, o texto não está mais disponível na plataforma. A referência completa dos projetos que se tornaram publicações efetivas constará ao final do artigo, na seção “Referências”.

QUADRO 1 – Projetos postados na plataforma *MediaCommons Press* (Base: 2007 a 2013)

	Projeto	Tipo de publicação	Autoria	Postado em	Número de comentários e comentaristas	Situação atual	Quem publicou ou publicará?
1.	**CommentPress**	Artigo	Kathleen Fitzpatrick	2007	26 comentários 06 comentaristas	Publicado	The Journal of Electronic Publishing
2.	**Planned Obsolescence**	Livro	Kathleen Fitzpatrick	2009	353 comentários 71 comentaristas	Publicado	NYU Press
3.	**Shakespeare Quarterly (Número 61, volume 3)**	Número de uma revista científica	Vários autores	2010	362 comentários 40 comentaristas	Publicado	The Johns Hopkins University Press
4.	**The net effect**	Capítulo de Livro	Thomas Streeter	2010	07 comentários 04 comentaristas	Publicado	NYU Press
5.	**Learning through digital media**	Vários artigos	Vários autores	2010	155 comentários 07 comentaristas	Publicado	Institute for the Future of the Book
6.	**Shakespeare Quarterly (Número 62, volume 3)**	Número de uma revista científica	Vários autores	2011	214 comentários 28 comentaristas	Publicado	The Johns Hopkins University Press
7.	**Complex TV**	Livro	Jason Mittell	2011	344 comentários 42 comentaristas	No prelo	NYU Press
8.	**Sustaining Scholarly Publishing**	Relatório branco	Vários autores	2011	217 comentários 36 comentaristas	Publicado	Association of American University Presses
9.	**Off the Tracks**	Relatório branco	Vários autores	2011	03 comentários 03 comentaristas	Publicado	Maryland Institute for Technology in the Humanities (MITH)
10	**The Piracy Crusade**	Livro	Aram Sinnreich	2012	39 comentários 10 comentaristas	Ainda sob revisão aberta	University of Massachusetts Press
11	**Lessing's Hamburg Dramaturgy**	Livro	Vários autores	2012	02 comentários 02 comentaristas	Ainda sob revisão aberta	Routledge Press
12	**Fit for purpose**	Projeto de pesquisa	Vários autores	2012	05 comentários 03 comentaristas	Ainda sob revisão aberta	Council on Library and Information Resources
13	**Born Digital**	Livro	Vários autores	2013	22 comentários 09 comentaristas	Ainda sob revisão aberta	Ainda não definido
14	**Open Review**	Relatório Branco	Kathleen Fitzpatrick e Avi Santo	2013	147 comentários 36 comentaristas	Ainda sob revisão aberta	Ainda não definido

4 Trajetória editorial de uma obra: análise do primeiro artigo postado no *MediaCommons Press* para revisão por pares aberta

O primeiro artigo submetido à revisão aberta no MediaCommons Press intitula-se "CommetPress: New (Social) Structures for New (Networked) Texts", de autoria de Kathleen Fitzpatrick. Foi publicado simultaneamente, em 2007, pelo n. 10, v. 3 do periódico eletrônico JEP – *Journal of Electronic Publishing* – e na plataforma *MediaCommons Press*, sob o consentimento da autora e da comissão editorial do periódico, conforme se explica no próprio texto.

Como uma espécie de projeto-piloto em que, ao mesmo tempo, discute-se e utiliza-se a plataforma CommentPress, nesse artigo Fitizpatrick trata das novas formas de

publicação em ambiente digital e das diferenças entre o códice e o *e-book*, passa pela discussão sobre o hipertexto e do que a autora considera como suas vantagens e deficiências e finaliza descrevendo a plataforma CommentPress e advogando sobre a possibilidade de se criar nela um ambiente profícuo para o diálogo entre pares.

O artigo recebeu 26 comentários postados por seis comentaristas diferentes, incluindo a própria autora. Uma pesquisa pela *internet* pelo nome completo de cada um dos comentaristas nos levou a seus currículos *online* ou a sua página profissional no *website* da instituição a que pertencem. Esse levantamento revelou que todos os comentaristas são pessoas com carreiras acadêmicas bastante produtivas. Além da autora, comentaram o artigo os seguintes membros da comunidade:

- **Terje Hillesund:** professor assistente na Universidade de Stavanger Center, na Noruega, onde lidera um programa nacional de pesquisa sobre os impactos dos *e-books* na indústria norueguesa.
- **Noah Wardrip-Fruin:** professor associado de Ciências da Computação da Universidade da Califórnia em Santa Cruz/EUA. Atua nas áreas de mídia digital, jogos eletrônicos, literatura eletrônica e estudos de *software*.
- **Sherman Dorn:** professor de Educação da University of South Florida/EUA. É Bacharel em História, mestre em Demografia e phD em História. Atua na área de políticas educacionais e da história da Educação.
- **Chuck Tryon:** professor assistente no Departamento de Inglês da Universidade Estadual de Fayetteville, na Carolina do Norte/EUA. Escreve sobre cinema, televisão e novas mídias e sua pesquisa atual se concentra em como as mídias digitais estão mudando a indústria cinematográfica.
- **Timothy Murray:** professor de Literatura Comparada e Inglês e diretor da Sociedade de Ciências Humanas da Cornell University, em Nova York. Atua na área do ensino e sua interface com as novas mídias.

Os 26 comentários foram postados entre 17 e 24 de outubro de 2007. Terje Hillesund postou 09 comentários; Noah Wardrip-Fruin postou 03; Sherman Dorn, 03; Chuck Tryon, 02; Timothy Murray, 01 e autora postou 08 comentários. A extensão média dos comentários foi de 76 palavras, sendo o comentário mais curto com apenas uma palavra e o mais longo com 348 palavras.

Em relação ao conteúdo dos comentários, 08 eram considerações críticas a respeito das ideias apresentadas no artigo; 02 eram perguntas; 09 eram réplicas (da autora ou dos

demais membros) às críticas ou perguntas postadas; 04 comentários se referiam a problemas técnicos no funcionamento da plataforma; 02 eram elogios ao artigo e 01 comentário indicava uma revisão pontual que deveria ser feita no texto. Alguns comentários críticos nos parecem dignos de nota, o que faremos a seguir.

Na seção "Introdução", Terje Hillesubynd elogia a iniciativa do artigo, mas diz esperar que a autora tenha consciência da profundidade do assunto com o qual estará lidando. Também critica o uso da palavra "press" (prensa, imprensa, editora), no nome do aplicativo CommentPress, argumentando que a palavra retorna ao "mundo do papel" ao invés de dar um passo à frente para o mundo das publicações digitais. Em seguida, Sherman Dorn replica dizendo que a metáfora com o mundo impresso não é totalmente ruim, pois é preciso começar por algum lugar. Nesse ponto, podemos notar um diálogo entre revisores e não somente entre o autor e revisor ou, pior ainda, entre revisor e editor, como comumente acontece nas revisões por pares tradicionais.

Mais adiante, na seção "Codex, not print" [Códice, não impresso], Terje Hillesubynd admite que sempre teve o desejo de ter mais *feedback* sobre seus textos e que o CommentPress é uma boa iniciativa para se fazer isso. No entanto, critica um certo "exagero" da autora quando ela defende supostas vantagens de leitura que a ferramenta poderia proporcionar. Também reclama por não haver uma versão completa do artigo para impressão no próprio *blog* e admite ter precisado imprimir o artigo publicado no periódico JEP e fazer seus comentários a partir dele e não da versão fracionada postada no CommentPress.

Na seção "Hypertext", Sherman Dorn questiona se a autora tem certeza de que as pessoas de hoje são tão "presas ao códice" quanto ela alega. Argumenta que muitos profissionais leem intensamente documentos na tela, como *e-mails*, memorandos, rascunhos de impressão e arquivos de PowerPoint.

Nos dois comentários postados por Chuck Tryon, ele se mostra elogioso ao artigo. No primeiro, postado na seção "Scholarly discourse networks" [Redes de discurso acadêmico], afirma que sua própria pesquisa sobre culturas cinematográfica na *internet* tem sido grandemente beneficiada pela sua interação com blogueiros não acadêmicos em seu *blog* pessoal, que mantém há vários anos. No segundo, na parte de "Notas", corrobora a ideia de que as publicações e interações digitais não impedem a publicação de livros. Afirma que, na verdade, na era digital, o livro pode nascer como um fruto do trabalho coletivo de uma rede de pensadores.

Terje Hillesubynd, no entanto, segue criticando as ideias propostas pelo artigo. Afirma que os modos de circulação *online* de ideias propostos por Fitzpatrick são mais adequados para ajudar a divulgar e distribuir obras já prontas, ou seja, livros e periódicos completos e que isso, aliás, já existe. Admite que processos de revisão e escrita aberta em ambiente *online* exigirão uma mudança em toda a concepção tradicional de comunicação científica e que essas mudanças demandarão muitos e muitos anos.

Na última seção do artigo, denominada "Toward the future" [Em direção ao futuro] e localizada antes das notas e referências, Hillesund protesta:

> Durante mais de cinco dias tenho deixado vários comentários e poucas outras pessoas escreveram alguma coisa aqui. Acho que isso indica que, para se obter a "vivacidade de diálogo e interação" exigida, é preciso que haja algum tipo de comunidade. Pode ser na forma de um website criado por docentes, um portal de periódicos, ou um blog em que o artigo seja publicado no CommentPress (HILLESUBYND, 2007, s/p, tradução nossa).

Na sequência desse comentário, Sherman Dorn posta um sonoro "Concordo!". Os comentários da autora praticamente se restringem a respostas às perguntas objetivas ou às reclamações sobre o funcionamento do programa. Ela não responde a nenhum dos comentários críticos de Terje Hillesubynd, membro mais ativo no processo de revisão. Das duas réplicas que posta, a autora somente esclarece posições suas que talvez tenham sido mal-entendidas pela pessoa que a criticou.

Considerações finais

Depois de analisarmos o processo de revisão do primeiro artigo postado e compararmos com a produtividade da plataforma nos dias de hoje, podemos supor que as críticas feitas ao artigo surtiram efeito na concepção futura do projeto.

Nota-se, por exemplo, que houve um espaço de dois anos (de 2007 a 2009) para que fosse postado outro texto a ser revisado na plataforma. Embora a autora não tenha respondido às críticas de Terje Hillesubynd, ela parece tê-las levado seriamente em consideração, especialmente no que concerne à necessidade de se criar primeiro uma comunidade entre os pares para depois (e concomitantemente) explorar projetos como o *MediaCommons Press*.

Nesses dois anos, os editores do *blog* fizeram grande esforço para fomentar essa comunidade na área de Estudos da Mídia. Uma das medidas, por exemplo, foi a criação de

outros projetos sediados na rede *MediaCommons*. Um deles é o *In Media Res*, um fórum em ambiente multimodal e colaborativo no qual, a cada semana, um membro propõe e administra uma discussão em torno de um vídeo curto ou um *slideshow* de imagens de um produto midiático recente acompanhado por um texto de 300-350 palavras analisando o material.

Depois do primeiro artigo postado, outros trabalhos foram (e estão sendo) revisados no *MediaCommons Press*, alguns com participação bastante significativa de membros. O projeto de revisão do número 62, volume 03, do periódico *Shakespeare Quarterly*, por exemplo, recebeu 214 comentários postados por 28 membros diferentes. A editora da revista assim se expressou no editorial do volume:

> Somos extremamente gratos a Kathleen Fitzpatrick e ao projeto *MediaCommons* por terem sido nossos parceiros nessa empreitada. Agradecemos também aos autores que aceitaram participar da revisão aberta, os quais podem ter se sentido, algumas vezes, um tanto quanto excessivamente expostos. Finalmente, queremos reconhecer os leitores que dedicaram seu tempo para participar e comentar nesta avaliação. O trabalho dos revisores é muitas vezes invisível, mas, neste caso, a natureza aberta da revisão faz com que possamos agradecer-lhes pelo nome (WERNER, 2011, p.308, tradução nossa).

A análise específica do primeiro artigo publicado no *MediaCommons Press* e da posterior trajetória de relativo sucesso da plataforma até os dias de hoje nos leva a concluir que a revisão por pares aberta pode ser profícua e que o ambiente digital potencializa a conexão entre os pares, facilita o trabalho colaborativo e materializa o dialogismo inerente a todo processo de comunicação verbal. Um pesquisador mais cético poderá argumentar que o diálogo entre pares sempre existiu e que ele sempre teve o potencial de ser mais ágil e imediato por meio de debates ao vivo, como nos diálogos travados em congressos, seminários e outros eventos de discussão acadêmica, ou mesmo na própria sala de aula. Para esse tipo de pesquisador, as novas tecnologias não trouxeram novidades nesse sentido.

No entanto, se pensamos na forma de participação remota que é peculiar aos meios digitais e da possibilidade de se estabelecer um debate constante e produtivo entre pesquisadores geograficamente dispersos, percebemos que as novas tecnologias podem, sim, mudar a maneira como se faz comunicação científica no mundo.

Obviamente, nenhuma tecnologia, plataforma ou dispositivo por si só empreenderá tamanha mudança. Para que iniciativas como o *MediaCommons Press* se mantenham, é preciso, antes, fomentar um forte engajamento dos pares às redes e às práticas virtuais de

trabalho, além de promover uma transformação gradativa na forma como a academia concebe (e valoriza) atualmente a autoria na comunicação científica. Mas é inegável que as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação terão um papel fundamental nessa mudança.

REFERÊNCIAS

ASSOCIATION of American University Presses. *Sustaining Scholarly Publishing*: new business models for universities presses. Disponível em: <http://www.uvasci.org/wp-content/uploads/2011/03/aaupbusinessmodels2011.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução: Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 65-70.

FITZPATRICK, Kathleen. Commentpress: New (social) Structures for New (networked) Texts. *Journal of Electronic Publishing*, v. 10, n. 3, 2007.

FITZPATRICK, Kathleen. *Planned Obsolescence*: publishing, technology and the future of the academy. Nova York e Londres: New York University Press, 2011.

FOUCAULT, Michel. O que é um Autor? In: FOUCAULT, Michel. *Estética*: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 264-298

INSTITUTE for the Future of the Book. *Learning through digital media*. Disponível em: <http://learningthroughdigitalmedia.net/introduction-learning-through-digital-media>. Acesso em: 22 abr. 2013.

MEDIACOMMONS. A Digital Scholarly Network. Desenvolvido por: NYU Digital Library Technology Services. Disponível em: http://mediacommons.futureofthebook.org/. Acesso em: 10 abr. 2013.

MITH – Maryland Institute for Technology in the Humanities. *Off the Tracks*: laying new lines for digital humanities scholars. Disponível em: <http://mediacommons.futureofthebook.org/mcpress/offthetracks/>. Acesso em: 22 abr. 2013.

MITTELL, Jason. *Complex TV*: the poetics of contemporary television storytelling. New York University Press, 2013 (no prelo).

SHAKESPEARE QUARTERLY. Special Issue: Shakespeare and New Media. *The Johns Hopkins University Press*, v. 61, n. 3, 2010.

STREETER, Thomas. *The Net Effect*: romanticism, capitalism and the internet. Nova York: New York University Press, 2010.

WERNER, S. From the Editor. In: Shakespeare Quarterly. *The Johns Hopkins University Press*. v. 62, n. 3, 2011, p. 307-308.